

A PESQUISA COMPREENSIVA: PONDERAÇÕES TEÓRICAS EM UM ESTUDO DE DIÁSPORA ESTUDANTIL

Calilo Fati¹
Mário Henrique Castro Benevides²

Resumo

O presente artigo procura pensar recursos conceituais para uma investigação sociológica: de que modo as ideias de *diáspora estudantil* ajudam a acessar uma realidade social como a de estudantes guineenses no Brasil? O estudo discute os conceitos de diáspora de diferentes autores como elementos de análise sociológica. Dedicase, desse modo, a observar o potencial desse conceito em temas como a diáspora estudantil e o universo da integração de guineenses no Ceará e na UNILAB. O procedimento teórico – metodológico utilizado para a realização deste estudo envolveu pesquisa bibliográfica e teórica a partir de abordagens sobre o estudo da diáspora estudantil e a partir da análise teórica de Stuart Hall (2009), entre outros. Conclui-se que estes conceitos emergem de modo prático na construção de objetos interpretativos acerca do universo diaspóricos, possibilitando novas composições metodológicas.

Palavras – chave: Diáspora. Sociabilidade. Integração. Educação Superior.

COMPREHENSIVE RESEARCH: THEORETICAL CONSIDERATIONS IN A STUDENT DIASPORA STUDY

Abstract

This paper tries seeks to understand the conceptual resources for a sociological investigation: how do the ideas of the student diaspora help to access a social reality like that of Guinean students in Brazil? The study discusses the diaspora concepts of different authors as elements of sociological analysis. In this way, we focus on the potential of this concept in themes such as the student diaspora and the universe of integration of Guineans students in Ceará and at UNILAB. The theoretical and methodological procedure used to carry out this study involved a bibliographical and theoretical research from approaches on the study of the student diaspora and from the theoretical analysis of Stuart Hall (2009), among others. It is concluded that these concepts emerge in a practical way in the construction of interpretative objects about the diasporic universe, making possible new methodological compositions.

Keywords: Diaspora. Sociability. Integration. College education.

¹Bacharel em Humanidade pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Licenciado em Sociologia pela mesma universidade – 2018.

² Professor Adjunto no curso de Licenciatura em Sociologia do Instituto de Humanidade – IH da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Introdução

O presente artigo procura pensar recursos conceituais para uma investigação sociológica: de que modo as ideias de *diáspora* ajudam a acessar uma realidade social como a de estudantes guineenses no Brasil?

Esta exposição é fundada em uma pesquisa mais ampla, articulada nas perguntas “qual a visão de estudantes guineenses no Brasil sobre a cidade em que residem? Como estes sujeitos pensam sua condição e como integram-se ao mundo onde agora se encontram?” O estudo pensa os conceitos de *diáspora* como um modo de abordar este tema ao mesmo tempo em que analisa os conceitos em foco e outros trabalhos sobre a migração estudantil guineense. Uma pesquisa exploratória e um conteúdo fundado nas experiências cotidianas dos autores convergem para amparar as relações de observação e comparação teóricas que trabalharemos.

Nos últimos dez anos, tem se verificado a intensa migração de estudantes guineenses para os diferentes estados do Brasil principalmente no estado do Ceará (LANGA, 2014). Supomos que essa migração tem como cunho a busca de uma formação acadêmica, tendo em conta a escassez das políticas públicas de acesso ao ensino superior na Guiné-Bissau³ (SANI & OLIVEIRA, 2014).

No contraponto dessa realidade, a política educacional brasileira para a internacionalização de seu ensino superior girou em torno da criação de programas de absorção de estudantes estrangeiros, na forma de dispositivos como o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Além desse sistema, a criação de universidades tematicamente internacionais entrelaçou demandas e projetos pedagógico-políticos voltados para a América Latina e a África. Falamos aqui da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, a (UNILA), e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, a (UNILAB). Gestadas como parte de políticas de parceria com diferentes países, ambas as instituições passaram a compor um cenário de atração de estudantes estrangeiros.

O fluxo derivado do encontro entre o cenário guineense e a oferta (e o interesse) do Brasil abre amplo debate. Dentro deste contexto de buscas e realocações, as perguntas de partida

³ Ainda conforme Sani & Oliveira (2014), de 1974 – 2010, a Guiné-Bissau conta com as seguintes instituições do ensino superior: 1) Escola Nacional de Saúde; 2) Instituto de Camões; 3) Escola Normal Superior Tchico Té; 4) Centro de Formação Administrativa (CENFA) atual Escola Nacional de Administração (ENA); 5) Faculdade de Medicina; 6) Faculdade de Direito de Bissau; 7) Universidade Amílcar Cabral (UAC) atual Universidade Lusófona da Guiné (ULG); 8) Universidade Colinas de Boé (UCB); Universidade Católica da África Ocidental (UCAO); 9) Instituto Superior de Gestão de Bissau (ISGB); 10) Sup Management; e 11) Universidade Jean Piaget.

que orientam este estudo teórico reforçam a curiosidade e a reflexão sobre como abordar este problema e como situá-lo no campo maior das questões históricas de nosso tempo.

UNILAB: entre dois mundos (ou mais)

A história do surgimento da UNILAB deu-se, na verdade, através de *duas* necessidades presentes na política do governo brasileiro durante o mandato de então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) interiorização e internacionalização da educação superior brasileira. A internacionalização da cooperação externa brasileira ganhou muita força no governo de Lula (2003-2010) como forma de aumentar as relações com os demais países do chamado Sul Global⁴ no âmbito do ensino superior. A cooperação na área da educação superior era tida como um dos setores que podem contribuir para o desenvolvimento sustentável do Brasil e dos demais países do Sul especificamente os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP): Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Segundo Patrícia Soares Leite (2011, p. 56), a aproximação do Brasil com os países de zona Sul é um processo muito remoto que foi instituído a partir de “Conferencia de Bandung em abril de 1955”, na qual reuniam-se os países afro-asiáticos com intuito de formar um bloco apenas entre os países do Sul para defender os seus direitos e o interesse da humanidade como um todo face a “hegemonia” de alguns países do Norte. E, no caso específico dos PALOP o

(...) adensamento das relações do Brasil com a África subsaariana independente manifestou-se, sobretudo, nos planos político, econômico e de cooperação técnica. Entre 1974 e 1979, o Governo brasileiro e os Governos africanos emancipados mantiveram inúmeras visitas ministeriais, incrementaram o intercâmbio de bens e serviços e intensificaram os acordos de transferência de conhecimento em áreas como educação, saúde e agricultura (LEITE, 2011, p. 143).

Nessa direção, a UNILAB surgiu no sentido de reforçar as relações Sul – Sul. No entanto, para a concretização do projeto

[...] da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em outubro de 2008 pelo Ministério da Educação (MEC), deu seguimento a esse esforço [de expansão do ensino superior no Brasil]. E a sanção presidencial da Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, que dispõe sobre a criação da universidade, espelha concretamente essa política (DIRETRIZES, 2010, p. 5).

⁴ **Sul Global** se refere aos países não alinhados ora denominado terceiro mundo, isto é, Ásia; África e América Latina que há muito tempo vem lutando contra a “hegemonia” dos países do Norte.

A comissão de implantação da UNILAB é composta por diferentes entidades nacionais e internacionais por meio da lei acima citada na qual foi sancionado em Itamaraty pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva a fundação da segunda universidade federal do estado do Ceará denominado Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional (UNILAB, 2013, p. 33).

No que concerne a política de interiorização e expansão das instituições do ensino superior é importante ressaltar a importância da implementação do Plano Nacional de Educação – PNE nos anos de (2000 – 2010), o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE e o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, no ano (2007) através do empenho do governo federal em expandir os estabelecimentos do ensino superior nos interiores dos estados/regiões no sentido de possibilitar os residentes locais de ingressar nas universidades públicas (DIRETRIZEZ, 2010). Diante dessa demanda de expansão da rede pública de ensino superior no país foi escolhida a cidade de Redenção para

[...] a instalação da UNILAB na cidade de Redenção, no Ceará, marco nacional por seu pioneirismo na libertação de escravos, não representa apenas o atendimento das metas do REUNI em seu objetivo de promover o desenvolvimento de regiões ainda carentes de instituições de educação superior no país - como é o caso do Maciço do Baturité, onde será instalada. Ela aponta também para um encontro da nacionalidade brasileira com sua história, à medida que terá por foco tornar-se um centro de pesquisa e formação de jovens brasileiros em interação com estudantes de países onde também se fala a língua portuguesa (DIRETRIZEZ GERAIS, 2010, p. 5).

Assim, as próprias Diretrizes da UNILAB (2010), além da interiorização e internacionalização, visam estabelecer integração entre o Brasil e os estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, principal os PALOP e Timor-Leste – este representante do continente asiático com base nas áreas de interesses mutua destes países. Por isso, a

Cooperação Sul-Sul está intimamente ligada à idéia de compartilhamento de saberes e tecnologias, visando metas comuns de desenvolvimento, sem imposição de condicionalidades, e a promoção de maior integração política, econômica, social e cultural entre as partes envolvidas (HELENO, 2014, p. 103).

A mesma ideia é reforçada por Santos & Cerqueira (2015, p. 44) alertando que os “[...], princípios básicos da Cooperação Sul-Sul devem ser observados, tais como equidade e

consenso, para que as diferenças e assimetrias não representem imposições de modelos e prioridades de uns sobre outros”. Por isso, vale lembrar que, antes da lei de criação desta universidade, foi criada uma comissão que efetuou várias visitas de trabalho de (2008 -2010) para detectar áreas de interesse mutua entre o Brasil e os PALOP e Timor –Leste na qual foram definidas cinco áreas prioritárias tais como: primeiro, agricultura; segundo, Saúde coletiva; terceiro, educação básica; quarto, gestão pública; e, quinto, tecnologia e desenvolvimento sustentável (DIRETRIZES, 2010, p. 15).

Com a definição mutua das áreas prioritárias, a UNILAB começou as suas atividades no dia 25 de maio de 2011 com uma aula inaugural, proferida pelo então Ministro da Educação, Fernando Haddad. Nessa cerimônia inaugural estavam presente o governador do estado do Ceará Cid Gomes, a então prefeita de Redenção Francisca Bezerra e entre outras entidades. E, o reitor *pro tempore* era Paulo Speller e a vice-reitora Maria Elias (UNILAB, 2013). Ainda no ano 2011,

A UNILAB contava com 180 estudantes matriculados, sendo 141 brasileiros e 39 estrangeiros, nos cursos de Administração Pública, Agronomia, Enfermagem, Engenharia de Energias e Licenciaturas em Ciências da Natureza e Matemática. A segunda universidade federal no Ceará iniciou seu quadro docente com 16 professores efetivos e cinco visitantes (UNILAB, 2013, p. 36).

A partir dessa data, a UNILAB vem crescendo institucionalmente através de acordos e parcerias com outras instituições a nível nacional e internacional. Mas mesmo assim, é bom não perder de vista de que enquanto espaço multicultural de construção do saber ainda tem muitos desafios pela frente. Neste ponto, nos vemos diante de algumas questões interligadas e que animam a curiosidade sociológica: de que modo essas políticas são colocadas em prática? Como alguns dos sujeitos atraídos e afetados por elas se comportam e pensam sobre sua condição? Mas também como pensar a instauração da UNILAB no contexto maior das migrações estudantis?

Acarape: um lugar de chegadas e permanências

No plano local, o cotidiano da diáspora estudantil guineense no município de Acarape – CE é constituído de vários elementos, além do contexto acadêmico. Residentes na cidade durante todo o processo formativo, esse sujeitos vivenciam novas formas de encontro e produção de suas experiências coletivas. Como um dos aspectos mais notáveis da realidade dos estudantes guineenses existem, por exemplo, atividades recreativas de caráter cultural e

esportivo: festas, comemorações, jogos amistosos ou torneios entre nacionalidades eventos pensados pela própria comunidade estudantil da UNILAB através de Associação dos Estudantes Guineenses na UNILAB - AEGU como forma de criar as relações pessoais e amizade com estudantes de outros países e brasileiros.

De acordo com João Paulo Pinto C6 (2014, pp. 76-77)

[...] o cotidiano de qualquer grupo estudantil fora de casa n6o se limita simplesmente a sala de aula e deveres escolares, mas tamb6m em grupos associativos, caso da Associa76o dos Estudantes dos Estudantes da Guin6-Bissau no Estado do Cear6, nas reuni6es por eles realizados ocorrem debates sobre o seu dia-a-dia, problemas por eles enfrentados e tamb6m sobre as datas oficiais da 6frica e dos pa6ses africanos.

Na mesma perspectiva se d6 o cotidiano da di6spora estudantil guineense no munic6pio de Acarape por meio das atividades esportivas, culturais assim espa7os de debates por meio de palestras, semin6rios, minicurso e entre outros promovida pela Associa76o dos Estudantes Guineenses na UNILAB – AEGU visando a integra76o junto da comunidade acad6mica da UNILAB assim como de Acarape e Reden76o. Por tanto, no nosso entender, estes e entre outros s6o momentos de integra76o dos estudantes guineenses residentes em Acarape especialmente por representarem a ades6o a uma nova vida urbana.

Essa observa76o 6 ressaltada por Wellington Maciel (2016), a di6spora estudantil africana sempre mantem v6nculos e la7os de pertencimento ao pa6s de origem atrav6s de pr6ticas culturais que ora s6o vis6veis no seio das comunidades dos estudantes guineenses principalmente no munic6pios de Reden76o e Acarape e na UNILAB, por meio das apresenta76es das identidades nacionais nas comemora76es das independ6ncias dos seus pa6ses de origem e nas “[...] festas ou “noites africanas” [que] representam momentos de confraterniza76o para rever amigos e conhecidos, matar saudades da terra de origem atrav6s das m6sicas, dan7as e comidas, mas tamb6m para uni6o e resolu76o de conflitos” (LANGA, 2014, p. 109).

H6, claro, implica76es dessa presen7a. Segundo Maciel (2016), as linguagens urbanas sobre o processo do passado hist6rico da escravid6o no Brasil ainda s6o muito presentes nessa cidade. Por exemplo, por meio de monumentos e nomenclaturas atribu6das a alguns estabelecimentos comerciais (lojas, mercados e restaurantes) que s6o marcos simb6licos que fornecem 6s pessoas que vem de fora uma imagem potente do passado. Ainda segundo Maciel (2016, p. 196), a presen7a dos estudantes africanos de (PALOP) na cidade de Reden76o 6 marcada pela "visibilidade" tendo em conta a pequena extens6o territorial desta cidade

localizada no interior do estado do Ceará. O que essa visibilidade indica e como esses estudantes lidam com ela?

Conforme Benevides & Pinheiro (2014), as perspectivas cotidianas da diáspora estudantil guineense (e também cabo-verdiana) na UNILAB permitem pensar as relações que estes estabelecem dentro do espaço universitário e suas experiências e desejo de estudar fora de país de origem. No caso de cidade de Acarape, é provável que a visibilidade ou a “invisibilidade” dos estudantes guineenses não se dê apenas por causa do tamanho da cidade, mas também nos termos da condição de estudantes *negros*⁵ – “[...] sujeitos de benefícios propostos pelos acordos bilaterais de seus países com o Brasil, o que lhes facilita o acesso à educação, nomeadamente de nível superior (GUSMÃO, 2011, p. 202), e como a integração e sociabilidade no espaço urbano da cidade existe para esses guineenses além das atividades acadêmicas e dentro de uma condição delicada e demarcada de um município marcado pelo simbolismo da escravidão e da abolição.

No entanto, a integração enquanto processo de socialização humana, representa uma dimensão social, uma vez que o ser humano não se integra sozinho, porém precisa de outros indivíduos para se relacionar uns aos outros e é preciso que essa integração acontece num determinado espaço. Diante dessa necessidade espacial, optamos assim por município de Acarape tendo em conta o maior número de estudantes guineenses residentes nessa localidade.

Segundo Rui Pena Pires (2012, p. 76), “[...] a integração social é facilitada pela parametrização parcial das relações entre pessoas, seja no plano instrumental, através da constituição de rotinas relacionais, seja no plano comunicacional, através da constituição de rituais de interação”. Portanto, o estudo urbano de integração de sujeitos diaspóricos sobretudo no âmbito de pesquisas sobre diásporas e integração possibilita conhecer com maior profundidade a realidade dessas pessoas e a relação com a cidade, como tem indicado Foote Whyte (2005); onde o clássico autor ressalta a importância de estudo urbano como um dos meios pelos quais podemos ter informações muito bem detalhadas acerca do local e dos sujeitos de pesquisa – e *de como esses interagem dentro deste cenário*. Foote-Whyte propõe reflexões com base na observação de relações sociais de grupos e dos seus membros em diferentes

⁵ Diante dessa exposição, vale ressaltar que, estes estudantes, além de ser negros e estrangeiros de certa forma estes sujeitos diasporicos sofrem “**o preconceito e o racismo** [...] na forma pela quais os brasileiros perguntam pelo mundo africano, [...]. [...] o sujeito negro e africano sofre outros processos, nos quais à questão da origem e da cor da pele juntam-se outros aspectos como elementos-suportes de ações racistas e discriminatórias. [...] a discriminação coloca-se não apenas com relação à origem e a cor, **mas em razão de serem, os estudantes africanos**, [...] (GUSMÃO, 2011, p. 201 – 202, grifo nosso).

atividades que estes costumam organizar na cidade. Este pode ser o ponto de partida mais central para a compreensão dessas conexões de como a diáspora é rearranjada em novos territórios: ler cotidianos e experiências no campo das vivências onde elas nascem.

Diáspora: uma perspectiva histórica

Obviamente, a perspectiva histórica é outro anteparo deste estudo. Em especial o estudo processual das diásporas, como forma de entender a presença dos sujeitos pesquisados e sua visão de mundo. Porém, antes de mais nada, segundo Ismael Tcham (2012, 12) ressalta que

Os fluxos migratórios no contexto africanos remontam historicamente aos processos ancestrais. Teria sido talvez um continente onde se deu a maior mobilidade humana, não pelo fato de ter sido “berço da humanidade”, mas também por razões que vão desde as complexas questões climáticas no interior da África, [...], conflitos entre os diferentes impérios e reinos, até o recente processo de colonização que se iniciou com a invasão do continente pelas potências coloniais, levando seu povo a deslocar-se constantemente.

Esse entendimento nos leva a ter ideia de que o processo migratório se dá basicamente no nível interno e no nível externo, através de inúmeros fatores. A mesma ideia da complexidade do processo migratório é reforçada pela Maria Beatriz Rocha Trindade (2014, p. 71), a autora “[...] faz-se ainda a distinção entre movimentos ditos voluntários e aqueles que são impostos de forma [...] compulsiva, [...]” e entre outros fatores.

Nessa direção, procuramos entender o conceito da diáspora apoiando-se na análise teórica de alguns estudos na qual partimos na abordagem teórica do intelectual caribenho Stuart Hall (2009, p. 25) que utiliza o conceito da diáspora referindo-se aos imigrantes oriundos de Caribe residentes em Grã-Bretanha, isto é, no período “[...] pós-guerra [...] [que] simboliza o nascimento da diáspora negra afro-caribenha [...]”. Ademais, o autor afirma que a “diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. [...] fundada sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”. (HALL, 2009, p. 32-33). A diáspora é um lugar demarcada pela diferença cultural entre os nativos e os sujeitos deslocados. Portanto, na condição de sujeitos diasporicos,

A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de “pertencimento cultural”, mas abarcar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença – que estão transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da “diáspora”, [...]” (HALL, 2009, p. 45).

Paul Gilroy (2012), também partiu do mesmo pressuposto ao falar sobre a diáspora – assegurou de que o termo trata das populações fora dos seus contextos de origem como no caso dos afrodescendentes que habitam no Reino Unido e nos Estados Unidos de América, ou seja, “[...] negros dispersos nas estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória, a que tenho chamado heurísticamente mundo atlântico negro” (GILROY, 2012, p. 35).

Conforme Hall (2009) e Gilroy (2012), é perceptível que o conceito da diáspora fala do estudo das populações que “escolhem” viver fora do seu país de nascimento – mas cuja escolha é determinada por fatores econômicos, culturais e políticos. Esse movimento se dá, assim, através de múltiplos fatores.

Diante dessa contextualização sobre a diáspora, passamos a analisar o percurso histórico das migrações guineenses, atentando sempre para não perder de vista a diáspora estudantil como foco central do presente trabalho. No que concerne as migrações guineense, segundo Carlos Sangreman (et al. s/ano, p. 19)

A mobilidade humana é uma componente central da história da Guiné-Bissau, que tem caracterizado os modos de vida da sua população e influenciado a trajetória sociopolítica deste território desde tempos remotos. A mobilidade e a migração, mais quotidianas ou mais excepcionais, são um traço distintivo da maior parte dos grupos etnolinguísticos que constituem a população deste país.

Conforme o trecho acima citado, percebe-se que, a mobilidade da população guineense é muito anterior a qualquer outro fator que pode ser mencionado como elemento motivador das migrações da população deste país. Ainda Sangreman (et al. s/ano) nos aponta que a migração/mobilidade guineense se deu através do movimento sazonal na qual alguns grupos étnicos da Guiné deslocavam-se de um lugar a outro tendo em conta as suas atividades agrícolas de cultivo e criação de gados. Outro fator aponta por Sangreman (et al. s/ano) tem a ver com

O período de colonização efectiva – a partir de finais do século XIX – esteve também na origem de movimentos populacionais de grande amplitude. Numa fase inicial, foram especialmente evidentes as deslocamentos populacionais em reacção às chamadas “campanhas de pacificação” destinadas a subjugar os diferentes grupos locais (que, nalguns casos, haveriam de prolongar-se até à década de 1930). Por outro lado, a imposição de diversas medidas típicas de exploração e violência colonial, como a imposição de trabalhos forçados ou de culturas agrícolas obrigatórias, engendrou também fluxos populacionais específicos – como é o caso da grande migração balanta a partir da região do Oio em direcção ao sul do território, na primeira metade do século XX, [...] (SANGREMAN, s/ano, p. 19-20).

A partir desse período em diante tem se verificado o aumento da mobilidade humana a nível nacional sobretudo a migração rural verso urbano através de luta de libertação nacional que teve maior impacto no interior do país que obrigou o deslocamento das populações que

habitavam nas zonas rurais a procura de abrigo nas zonas urbanas (SANGREMAN, et al, s/ano) Além de fatores de mudança sazonal e ocupação colonial portuguesa também tem a ver com questão econômica sobretudo no período após a independência, isto é,

[...] a partir da década de 1980 a migração econômica começou gradualmente a impor-se. [...], a migração intercontinental em direção à Europa constituiu uma válvula de escape muito importante face à deterioração das condições de vida nas áreas rurais, permitindo mitigar aquilo que poderia ter sido um processo de urbanização ainda mais explosivo e permitindo o acesso, por parte de muitas famílias, a um fluxo de remessas que assumiu uma importância cada vez mais crescente à escala nacional. Contrastando com aquilo que fora até aí a principal tradição de migração intercontinental guineense (com destino a França, via Senegal), a parte mais substancial dos fluxos migratórios com destino à Europa a partir da década de 1980 assentou na ligação pós-colonial e teve Portugal como destino principal (SANGREMAN, s/ano, p. 21).

A leitura desse processo por Sangreman, indica que existe uma diáspora jovem voltada ao estudo no pós-independência, ainda que muito reduzida nas décadas de 1980. Ela fora feita através de acordos de cooperação assinados entre a Guiné-Bissau com Portugal e entre outros países do primeiro mundo.

No que tange ao percurso histórico da diáspora estudantil africana no Brasil segundo Mungoi (2006, p. 13), “é importante assinalar que a emigração estudantil africana não é recente. Esse movimento teve início muito antes do processo de descolonização dos países africanos, que começou nos finais dos anos cinquenta”. Na abordagem Leite (2011) a presença dos estudantes africanos no Brasil se deu através da Política Externa Independente (PEI) iniciada nos anos de (1961 – 1964), no governo de Jânio Quadros e depois por João Goulart, na qual foi criada a Divisão da África junto do Ministério das Relações Exteriores (MRE) como órgão responsável nos assuntos do interesse comum entre Brasil e África. Por isso;

Em março de 1961, em resposta ao primeiro despacho do Presidente com o Chanceler Arinos, um Grupo de Trabalho para a África foi constituído no Itamaraty com o objetivo de avaliar a possibilidade de criação de representações diplomáticas brasileiras nos novos Estados do continente africano e explorar medidas concretas para o desenvolvimento das relações políticas, comerciais e culturais entre o Brasil e a África. [...] foram abertos Embaixadas: Dacar (Senegal), Abidjã (Costa do Marfim), Lagos (Nigéria), Adis Abeba (Etiópia) e Acra (Gana), e Consulados em Luanda (Angola), Lourenço Marques (Moçambique), Nairóbi (Quênia), Salisbury (Rodésia do Sul) e Leopoldville (Congo). Em reciprocidade, Gana e Senegal instalaram embaixadas em Brasília, em 1962 – as primeiras embaixadas africanas na América Latina. Em abril, o Presidente criou por decreto o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-asiáticos (IBEAA), que previa concessão de bolsas de estudo para estudantes africanos do ensino médio e superior, intercâmbio de professores, programa de exposições e seminários e visitas de conferencistas (LEITE, 2011, p. 99).

A abertura das instituições diplomáticas brasileiras em alguns países africanos contribuiu muito na reaproximação do país com o continente africano, com base nos acordos

de cooperação bilateral na área de educação sobretudo com os países africanos de expressão portuguesa. No entanto, segundo Tcham (2012, p. 22), no caso específico da diáspora estudantil africana de jovens de PALOP

“[...] ocorre no início dos anos de 70 do século XX, quando a presença dos estudantes africanos nas universidades brasileiras se tornou visível, fato decorrente inicialmente da euforia do processo das independências dos países africanos de colonização portuguesa”.

Essa afirmação de Tcham (2012) é apontada por (MUNGOI, 2006; GUSMÃO, 2008, 2011), que é através da descolonização de países africanos de língua portuguesa na década de 70 intensificaram as relações de cooperação externa com o Brasil no domínio do ensino superior que permitiram a vinda da juventude africana principalmente os de PALOP para formação acadêmica nas instituições do ensino superior brasileira. De acordo com Neusa Maria Mendes de Gusmão (2011, p. 192)

Os processos de formação de quadros de nível superior e de políticas entre países diversos colocam em mobilidade jovens africanos de diferentes nacionalidades e origens que buscam formação acadêmica, qualificação profissional e se beneficiam dos acordos bilaterais entre países.

Acordos de cooperação bilateral no âmbito de educação superior é um dos fatores apontados na maioria dos trabalhos aqui analisados, apesar alguns estudos têm apontado outros elementos como veremos a diante.

De um lado, conforme Ercílio Neves Brandão Langa (2014, p. 103), vale lembrar que a diáspora estudantil africana está acontecendo além de assinaturas de cooperação bilateral entre os países africanos com o Brasil na área de educação superior, também é motivada por iniciativas pessoais de alguns jovens com algumas instituições de ensino superior privado “[...] com contratos firmados em seus países de origem”. Diante dessa diversidade de fatores segundo Gusmão (2008, p. 9) “o deslocamento entre África e Brasil se dá em busca de contextos mais propícios à vida e, também, em busca de uma formação e uma qualificação necessária para a realização de um outro projeto de vida familiar ou individual”, mas, por outro lado, tem a ver com a falta de condições internas de alguns países africanos de língua portuguesa que

[...] não contam com um sistema organizado de educação superior e a pequena parcela da população que o frequenta é parte de uma elite social e econômica. Além disso, em função de diversas questões sociopolíticas, há carência de políticas públicas e institucionais capazes de aproximar as demandas da população de programas e atividades acadêmicas (DIRETRIZEZ, 2010, p. 24).

Conforme o trecho acima referenciado, se faz necessário pensar o caso da Guiné-Bissau que após a sua independência unilateral em 1973 este país lusófono vem enfrentando constantes instabilidades político militar, golpes de estado e entre outros fatores desestabilizaram as políticas públicas que visam o desenvolvimento sustentável do país sobretudo

No que concerne à educação, em especial, **a educação superior**, esta tem enfrentado [...] inúmeras dificuldades, a saber: orçamento restrito, falta de docentes qualificados, infraestrutura precária, falta mobilidade docente e de estudantes, bolsa de estudo interna, fraqueza na gestão das instituições de formação e por fim, a falta de cumprimento das leis aprovadas, pelo governo, para o sistema educacional guineense, [e] entre outros. (SANI & OLIVEIRA, 2014, p. 149, negrito nosso).

Esse deslocamento pela busca de formação superior no exterior que alguns estudiosos como Barnabé Augusto C6 (2016, p. 92) chama de “fuga de cérebros” para estrangeiro “[...] a procura de formação para obtenção do diploma do ensino superior,” tendo em conta fatores de instabilidade político-militar, insegurança social estes e entre outros fatores também foram apontados por (GUSMÃO, 2008, 2011; LANGA, 2014; DJALÓ, 2014, HELENO, 2014).

Na análise de Antonio Gislailson Delfino da Silva (2016), a formação acadêmica de qualquer pessoa fora do país de origem deve ser analisada de forma rigorosa tendo em conta a diversidade de fatores que pode estar por trás dessa busca. Mas, de acordo com Harris & Zeghidour (2010, p. 851), a hipótese é que “a necessidade de formação superior explica, igualmente, boa parte das emigrações africanas, [...]” sobretudo na atualidade tendo em conta as demandas internas e internacionais. Diante das exigências que a realidades nos coloca

[...] o Estado da Guiné-Bissau deve fazer muito esforço para investir na educação, se quer realmente cumprir a sua obrigação de contribuir para o desenvolvimento sustentado do país e permitir que os cidadãos estejam preparados para enfrentar as dinâmicas econômicas, sociais, políticas e ambientais do mundo contemporâneo (SANI & OLIVEIRA, 2014, p. 150).

A contemporaneidade da diáspora estudantil africana no Brasil especificamente para o estado do Ceará segundo Langa (2014), é um fenômeno recente que iniciou na segunda metade de 1990 nessa época verificava-se apenas a presença de estudantes de PALOP inicialmente os de Angola. E mais tarde, isto é, “a partir de 1998, inicia-se a imigração massiva de estudantes bissau-guineenses e cabo-verdianos e, dois anos depois, estudantes são-tomenses, angolanos e moçambicanos” e assim por diante (p. 102-103). Em termo quantitativo verifica-se o aumento dos estudantes africanos

No início dos anos 2000, há um aumento significativo do número de estudantes africanos residentes no Ceará – particularmente bissau-guineenses devido à instabilidade política vivida no país –, [...]. O aumento da imigração de estudantes africanos para o Brasil, no início do século XXI, também foi impulsionado pelo

discurso governamental do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e sua política de cooperação e aproximação com a África (LANGA, 2014, p. 103).

E, no caso específico da UNILAB, isto é, nos municípios de Acarape e Redenção começou a partir de maio de 2011 chegaram os primeiros contingentes dos estudantes oriundos do continente africano e Timor Leste da Ásia.

Ainda segundo Langa (2014), no Ceará há grande quantidade de estudantes africanos majoritariamente guineenses. Porém, tendo em conta as dificuldades do estudo e do número maior da diáspora estudantil guineense no Ceará preferimos fazer essa delimitação dentro de um universo maior. No caso da UNILAB, segundo a Diretoria de Registros e Controle Acadêmico – DRCA, o quadro geral de alunos guineenses ativos nos cursos de graduação presencial Ceará é de 496 e no São Francisco do Conde estado de Bahia 126 alunos de graduação presencial. No total são 622 estudantes guineenses na UNILAB dados referentes a 26 de setembro de ano 2017 (DRCA UNILAB, 2017).

Considerações Finais

O conceito da diáspora continua sendo um termo usado para pensar as condições de sujeitos residentes fora de seu país de origem – recorte que nos permite refletir acerca do processo de integração e sociabilidade da diáspora estudantil guineense no município de Acarape, através de diferentes concepções teóricas que antecederam este estudo no que diz respeito a vinda dos estudantes guineenses no Brasil; além de quadro de cooperação bilateral na área de ensino superior que é um dos setores ainda considerados prioritários entre o Brasil e os PALOP.

De um lado, compreende-se que a maioria dos trabalhos que analisamos tem indicado que a diáspora estudantil africana no Brasil não é um fenômeno recente pois é um processo que vem acontecendo há muito tempo, isto é, na década de 1960, antes do processo de descolonização de alguns países africanos que estavam sob ocupação colonial. Por outro lado, verifica-se, no caso específico das ex-colônias portuguesas na qual a Guiné-Bissau faz parte, apesar de um número muito reduzido de pesquisas nos indica que o fluxo da diáspora estudantil dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa no Brasil começou a partir do período da descolonização nos anos de 1970, por meio dos acordos de cooperação na área de educação tendo em conta a escassez de recursos humanos face as demandas de reconstrução do país recém independente.

Ademais, os trabalhos aqui analisados sobre a diáspora estudantil guineenses tem apontado que a vinda dos estudantes guineenses para o Brasil tem relação com questões sócio-políticas intensas, como a instabilidade política e a falta de oportunidade de acesso ao ensino superior no país de origem; tendo em conta a fragilidade de política pública para o setor da educação neste caso.

Na tentativa de descobrir diferentes fatores que originaram a diáspora estudantil surge em nós a ideia de análise compreensiva, de maneira que pode nos ajudar a captar conceito da diáspora, considerando perspectivas diaspóricas como instrumentos de autorreflexão dos sujeitos envolvidos. Sendo assim, vale ressaltar que o conceito-centro deste estudo é fundamental para entender a vinda dos estudantes guineenses pela busca de realização de um sonho que, por uma série de razões, parece ser difícil de ser concretizar em casa, mesmo quando não os desafios impostos pela viagem e integração não são fáceis.

Referências bibliográficas

BENEVIDES, Mário Henrique Castro, PINHEIRO, Carlos Henrique Lopes. **Relatos de travessia: narrativas de estudantes guineenses e caboverdianos no Brasil – a UNILAB na fronteira empírica do pós-colonialismo.**

CÓ, Barnabé Augusto. **Fuga de cérebros na África:** uma investigação exploratória partindo da Guiné-Bissau. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC em Humanidades, Defendida na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras – IHL 2016.

Dados Quantitativos – DRCA ESTUDANTES Quantitativo geral de estudantes da Unilab (graduação, pós-graduação, presencial e a distância): 6.803 estudantes. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/dadosquantitativos/>. Acessado em: 11/05/2018.

DJALÓ, Mamadú. **RELAÇÕES SUL-SUL: A Cooperação Brasil – Guiné-Bissau na Educação Superior no Período de 1990 – 2011.** 2014. 273 p. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.

GILROY, Paul, 1956. O Atlântico negro como contracultura da modernidade. In: **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** Tradução de Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012 (2ª Edição).

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **“Na Terra do Outro”:** presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, de hoje*. *Dimensões*, vol. 26, 2011, p. 191-204. ISSN: 2179-8869.

_____. Neusa Maria Mendes de. **Diáspora Africana: a vida de imigrantes e estudantes em Portugal e no Brasil.** Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2003/Neusa%20Maria.pdf. Acessado em: 28 de out. 2017.

HAL, Stuart. **Pensando a diáspora reflexões sobre a terra no exterior.** In: **Da diáspora: identidade e mediações culturais.** Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La guardiã Resende ... [et al.]. 1ª edição atualizada – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HARRIS, Joseph E. ZEGHIDOUR, Slimane. **A África e a diáspora negra.** In: História geral da África, VIII: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília: UNESCO, 2010.

HELENO, Maurício, Gurjão Bezerra. **A política externa do governo Lula: a experiência da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), 2014.** Disponível em: http://www.unilab.edu.br/nosso-diferencial-de-integracao-internacional/http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm. Acessado em: 22 de out. 2014.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. **Diáspora Africana no Ceará: Representações sobre as festas e interações afetivo-sexuais de estudantes africano (a)s em Fortaleza.** Disponível em: <http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/65/79>. Acessado em: 28 de out. 2017.

LEITE, Patrícia Soares. **O Brasil e a cooperação Sul-sul em três momentos: os governos Jânio Quadros/João Goulart, Ernesto Geizel e Luiz Inácio Lula da Silva.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

MACIEL, Wellington. **Usos de uma Cidade da Liberdade: estudantes africanos em Redenção.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v30n79/0103-4979-ccrh-30-79-0189.pdf>. Acessado em: 28 de out. 2017.

MUNGOI, Maria Domingos Chale João. **“O mito atlântico”: Relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de construção e reconstrução de suas identidades étnicas.** Dissertação (Mestrado), apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Antropologia Social, Brasil, Porto Alegre, 2006.

PIRES, Rui Pena. **O problema da integração Sociologia,** Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIV, 2012, pág. 55-87. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0872-34192012000200004&script=sci_arttext&tlng=p. Acessado em: 06 de ago. 2016.

SANGREMAN, Carlos. (Coord. et. al.). **Avaliação do Potencial de Desenvolvimento da Diáspora da Guiné-Bissau em Portugal e França.** Disponível em: <https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/templates/cesa/images/OIMpt.pdf>. Acessado em: 28 de out. 2017.

SANI, Q. OLIVEIRA, M. R. Educação superior e desenvolvimento na Guiné-Bissau: contribuições, limites e desafios. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v.16, n.33, p. 127 - 152, Jul./Dez. 2014.

SANTOS, Roberta de Freitas; CERQUEIRA, Mateus Rodrigues. **Cooperação Sul-Sul:** experiências brasileiras na América do Sul e na África. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.22, n.1, jan.-mar. 2015, p.23-47.

SILVA, Antonio Gislailson Delfino da. **Trajetórias de estudantes guineenses no Brasil: do processo de integração ao regresso/retorno.** Monografia do Curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Redenção – CE, 2016.

TCHAM, Ismael. **A África fora de casa:** sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Recife: O autor, 2012.

TRINDADE, Maria Beatriz Rocha-. **Em torno dos conceitos.** Migrações: o fim dos paradigmas clássicos. In: *Das Migrações às Interculturalidades.* Edições Afrontamentos, Lda. Porto, 2014.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB): **Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul.** (Ogs.) Camila Gomes Diógenes e José Reginaldo Aguiar. Redenção: UNILAB, 2013.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA. **Diretrizes gerais.** Disponível em: http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes_Gerais_UNILAB.pdf. Acessado em: 03 de out. 2016.

WHYTE, William Foote, 1914-2001. **ANEXO A: sobre a evolução de sociedade de esquina.** In: *Sociedade de Esquina.* Tradução, uma área urbana pobre e degradada. Maria Lucia de Oliveira; revisão técnica, Karina Kuschnir; apresentação de Gilberto Velho. – Rio de Janeiro Zahar Ed. 2005.